

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

As perseguições aos “Súditos do Eixo” através das  
páginas do jornal *Correio do Povo* durante a Segunda  
Guerra Mundial

Lionei Alves Brocca

Orientador: Prof. René E. Gertz

Porto Alegre, dezembro de 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

As perseguições aos “Súditos do Eixo” através das  
páginas do jornal *Correio do Povo* durante a Segunda  
Guerra Mundial

Lionei Alves Brocca

Trabalho de Conclusão do Curso  
apresentado ao Departamento de  
História da Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul como  
requisito parcial para a  
obtenção do grau de licenciado em  
História.

Orientador: Prof. René Gertz

Porto Alegre, dezembro de 2010

Seremos implacáveis no combate aos invasores e seus agentes infiltrados traiçoeiramente no meio de nossas populações laboriosas. Mas, aos nacionais dos países com os quais estamos em guerra, que aqui vieram e construíram os seus lares de forma regular e honesta, nada devem recear enquanto permanecerem entregues ao trabalho, obedientes à lei e prontos a colaborar nas atividades defensivas do Brasil. De modo bem diverso serão tratados os que, traindo os compromissos assumidos e ludibriando nosso acolhimento generoso, auxiliarem de alguma forma os inimigos, com eles mantiverem entendimentos, espionando ou fazendo sabotagem. A esses, aplicaremos com rigor as leis da guerra (Discurso de Getúlio Vargas)

## **Agradecimentos**

Este é o final de uma etapa da minha formação acadêmica. Embora, possam parecer muito tempo esses quatro anos passaram como se fossem um piscar de olhos, graças ao apoio que recebi durante todo o percurso dentro e fora desta universidade.

Sendo assim, cabe a mim reconhecer o papel importantíssimo daqueles que mais contribuíram para que esta jornada acadêmica fosse possível. Logicamente, não será possível aqui colocar o nome de todas as pessoas que me ajudaram no decorrer da graduação, mas de alguma forma sintam-se todos homenageados

Enfim, primeiramente agradeço ao apoio de minha família. Aos meus pais, Volnei e Jureni; meu irmão Luciano; e minha irmã Lucilene, sem os quais jamais poderia ter chegado até aqui. Eles sempre foram minha fonte de inspiração, não apenas quando decidi por uma profissão tão desafiadora quanto a de professor, mas em todos os momentos complicados pelos quais passei na minha vida. Nunca me deixaram desanimar no percurso, muitas vezes difícil, desde a aprovação no vestibular até a última letra digitada nesse trabalho. Também agradeço de um modo muito especial a minha companheira Fabiana, que soube ser paciente nos momentos em que precisamos ficar afastados por vários motivos, estes sempre relacionados à faculdade. Pelas vezes que deixamos de sair em decorrência de provas e/ou trabalhos que me tomavam o tempo.

Além disso, gostaria de agradecer, de uma forma muito especial, ao professor René Gertz, que gentilmente concordou em me orientar nessa pesquisa. Gostaria de agradecer ainda a todos os funcionários do setor de imprensa do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa pela maneira gentil e prestativa com que me atenderam em todas as vezes que pesquisei no referido arquivo.

Agradeço ainda a todos os meus colegas e amigos pelos anos de intensa cooperação e compreensão, dividindo os espaços das salas de aula.

## Sumário

Introdução: História e Imprensa_____	6
1 – O Primeiro Governo Vargas e os “Súditos do Eixo”: história e historiografia_____	12
1.1 – O “Perigo Alemão” e a Nacionalização dos Imigrantes_____	13
1.2 – Os Campos de Internamento_____	19
2 – <i>O Correio do Povo</i> e seus bordões: uma breve História do jornal_____	25
3 – As Perseguições aos “Súditos do Eixo” sob a ótica do <i>Correio do Povo</i> _____	30
3.1 - Os “Súditos do Eixo” nas reportagens do “Correio”_____	31
3.2 – O cerco se fecha: os campos de Internamento, nas páginas do <i>Correio do Povo</i> _____	36
Considerações Finais_____	43
Referências bibliográficas_____	47

## Introdução: História e Imprensa

Para começar a discorrer sobre a fonte escolhida para a realização deste trabalho, penso que se faz necessário apresentar algumas considerações sobre os percalços que me impeliram a escolher este tipo de documento para pesquisa.

Na concepção desta pesquisa, minha ideia era trabalhar com fontes documentais oficiais de autoridades do Estado do Rio Grande do Sul, bem como documentos policiais. Contudo, isso mostrou-se inviável. Foram enfrentados vários problemas, desde a má organização até a completa inexistência de documentação. Aqui podemos constatar que os documentos inexitem sobre “súditos do eixo”, não porque não tenham sido produzidos, mas porque essas referências documentais foram perdidas, quer por acidentes quer por descarte intencional. René Gertz faz algumas considerações quanto à “perda” de fontes que dizem respeito ao período do primeiro governo Vargas

Deve-se fazer referência aos problemas decorrentes da perda definitiva de determinadas fontes. Após a Segunda Guerra Mundial, houve vários incêndios que consumiram quase por completo as fontes de origem policial. Em 1949, um incêndio também destruiu o Tribunal de Justiça do Estado.<sup>1</sup>

Estes problemas, que de certa forma são comuns à tarefa do historiador, demandariam muito tempo de trabalho. Assim, não seria possível levar a diante um projeto com as fontes anteriormente mencionadas, em um curto espaço de tempo, como é o caso de um trabalho de conclusão de curso. Pensei também em realizar minha pesquisa a partir de fontes orais, mas fui desencorajado, pois não seria possível comportar um estudo com esta metodologia em um trabalho com tão pouco número de páginas previamente estabelecidas.

Desse modo, resolvi buscar uma fonte que está recebendo constante atenção nos últimos anos por parte dos historiadores. Trabalharei com a fonte imprensa, mais especificamente com o jornal *Correio do Povo*. Utilizarei esse

---

<sup>1</sup> GERTZ, René. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora UPF, 2005. p. 10.

jornal pela sua postura editorial, dita como imparcial e apartidária, perante os fatos em uma época em que os jornais mais importantes pertenciam a partidos políticos, como era o caso de *A Federação* apenas para citar um exemplo. De acordo com Francisco Rüdiger, o jornal apresentou-se ao público na primeira edição como um órgão sem facção político-partidária, que não se escravizava a cogitações de ordem subalterna.<sup>2</sup> Entretanto, isso muitas vezes não correspondia à realidade, contudo voltarei a elaborar considerações sobre *Correio do Povo* em um capítulo específico deste trabalho.

Após essa brevíssima consideração sobre as dificuldades iniciais da pesquisa, passarei a discutir sobre a imprensa como fonte histórica, realizando um pequeno histórico sobre o uso que os historiadores fazem dessa fonte, que vem ganhando cada vez mais prestígio, principalmente a partir da década de 70.

Este trabalho tem por objetivo analisar as maneiras como o jornal *Correio do Povo* apresentou aos seus leitores a temática sobre os “Súditos do Eixo”, durante o período em que o Brasil esteve em ameaça e conflito efetivo com as potências do Eixo. Por conseguinte, essa monografia enquadra-se na tendência de utilização dos periódicos como objeto de pesquisa, além da tradicional fonte histórica.

A partir da década de 70, a utilização do jornal por historiadores vem sendo ampliada no Brasil. Anteriormente, estudos sobre imprensa abarcavam apenas termos gerais e eram caracterizados pela análise da história da imprensa brasileira. Este é o caso do grande trabalho de Nelson Werneck Sodré.<sup>3</sup> Além desse tipo de trabalho, os jornais e a imprensa, de um modo geral, também eram empregados como fonte com o objetivo de se confirmar argumentos na pesquisa de historiadores. Contudo, tinha-se receio de utilizá-los como fonte, visto que eram encarados como uma fonte que realizava apenas registros fragmentários do presente realizados, na maior parte das vezes, sob influência de paixões, compromissos e interesses. “Em vez de

---

<sup>2</sup> RUDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993, p. 58.

<sup>3</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas”.<sup>4</sup>

Entretanto, a partir dos anos 70 e 80, constatamos uma virada no que diz respeito aos trabalhos relacionados com os periódicos no Brasil e à utilização da fonte imprensa pelos historiadores. Dentre os principais trabalhos, podemos destacar o de Maria Helena Capelato que, em dois de seus trabalhos, faz uma análise de um determinado periódico paulista, colocando este não apenas como fonte, mas sim como objeto de pesquisa.<sup>5</sup> Estes trabalhos já trazem como principal característica analisar a imprensa não como “reflexo da verdade”, mas como um local de produção condicionado por determinadas práticas sociais de uma época e pelos interesses daqueles que estão por detrás do empreendimento desde o repórter até o dono do jornal.

Esta renovação, na utilização da fonte imprensa, tem grande influência e contribuição da terceira geração dos *Annales*, que incluiu outras fontes, orais e visuais (antes tidas como de segunda linha), ao campo da pesquisa histórica. A partir dessa nova concepção do documento, começa a haver uma crítica maior às fontes, no sentido de que o documento é resultado de uma montagem, consciente ou não, do contexto social que o produz. Isso decorre das disputas entre as forças conflitantes que tentam impor ao futuro uma determinada imagem da realidade.<sup>6</sup> Além desses aspectos, podemos pontuar as inovações trazidas pelos olhares da história das mentalidades e da sociabilidade, além do retorno das perspectivas marginalizadas da nova história política e da história da cultura.

Os trabalhos com enfoque na imprensa, especialmente a partir da década de 90, sofreram um crescimento vertiginoso no Brasil. No caso do Rio Grande do Sul, esse fenômeno também pode ser observado. Como destaque,

---

<sup>4</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 112

<sup>5</sup> CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_; PRADO, Maria Lúcia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

<sup>6</sup> CAPELATO, op. cit., p. 24

podemos citar a dissertação de Gerson Fraga que analisa a Guerra Civil Espanhola a partir das páginas do jornal *Correio do Povo*.<sup>7</sup>

Neste trabalho, adotaremos o conceito de imprensa que é apresentado por Maria Helena Capelato. A autora define a imprensa como

Instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como 'mero veículo de informações' transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.<sup>8</sup>

Assim, atribui-se à imprensa, não a visão de senso comum cujo aspecto fundamental é a imparcialidade diante dos fatos narrados diariamente. Mas, aqui trabalharemos com a visão de que a fonte imprensa, longe de seu teórico caráter de neutralidade, atua nos processos políticos e sociais de sua época, contribuindo para moldar a consciência das pessoas de acordo com seus valores e interesses, direcionando o público leitor no nosso caso.<sup>9</sup>

Francisco Rüdiger apresenta uma importante distinção entre o que ele considera como jornalismo e imprensa. Segundo ele, jornalismo estaria relacionado com as práticas cotidianas como rotina, agentes, suportes, tecnologia e linguagem. Para este autor, houve diversos tipos de imprensa, mas que não necessariamente possibilitaram a formação do correspondente jornalismo. Jornalismo não seria um mero instrumento, mas visaria a formar a opinião pública através de suas informações.<sup>10</sup> Ainda, para Rüdiger, o jornalismo é uma forma de poder que se reveste dos meios de manipulação ou esclarecimento social, em função das condições ditadas por cada época.<sup>11</sup>

Essa nova fase de tratamento da fonte imprensa desmistificou um dos seus principais aspectos de veiculação: a postura de que o jornal é um veículo de informação neutro. Após esses trabalhos, ficou mais claro que os jornais têm posições e as defendem. No entanto, essa defesa não é explícita.

---

<sup>7</sup> FRAGA, Gerson Wasen. **Branco e vermelho**: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do *Correio do Povo* (1936-1939). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, 2004.

<sup>8</sup> CAPELATO e PRADO, op. cit., p. 19.

<sup>9</sup> Id. Ibid., p. 23.

<sup>10</sup> RUDIGER, op. cit., p. 7-8

<sup>11</sup> Id. Ibid., p. 81.

Rüdiger coloca que a partir do advento do Estado Novo, em 1937, e meados da década de 50 o caráter político do jornalismo foi se diluindo em notícias sutis, mas capazes de modelar a opinião pública. De acordo com ele, apesar do jornalismo informativo a opinião não desaparece.<sup>12</sup>

Gerson Fraga trabalha essa mudança de posição dos jornais como transformação em instrumento pedagógico e ideológico. Segundo o autor, após a constituição das grandes empresas jornalísticas, estas tornam-se divulgadoras dos ideais das classes dominantes; passando ao controle de um número reduzido de pessoas a grande imprensa se constitui como local de poder, acessando e formatando a opinião pública, além de tornar-se instrumento de manutenção da ordem social e econômica.<sup>13</sup>

Os grandes jornais têm na conservação das estruturas na qual se insere um limite bem demarcado, o qual não é ultrapassado sob pena de entrar em contradição com sua condição de agentes de representação de interesses e intervenção na vida social. Assim, eventuais demandas populares encontrarão espaço em tal meio desde que não representem ameaça para a ordem social instituída.<sup>14</sup>

Pedagogicamente, Gerson Fraga revela que o jornal busca “educar” a opinião pública através do conteúdo de suas páginas através de conceitos valorativos e binários (bem/mal, civilização/barbárie, etc.). Dessa maneira, a informação é utilizada tanto para intervir na vida social quanto para conquistar o mercado leitor, como meio de doutrinação. Assim, acaba modelando e manipulando a realidade e a opinião pública, apresentando-se sob a égide imparcial e neutra politicamente. Não obstante, os jornais utilizam-se de seus recursos gráficos e de diagramação para acentuar o que querem transmitir. De uma forma geral, os grandes jornais constituem-se como “veículos formadores de opinião pública”, operando a construção de emoções sociais, como o medo, a necessidade, o patriotismo, entre outros.<sup>15</sup>

Contudo, além de intervir na vida social, como exposto anteriormente, é fundamental lembrar que a grande imprensa atua dentro de

---

<sup>12</sup> Id. Ibid., p. 64.

<sup>13</sup> FRAGA, op. cit., p. 24-28.

<sup>14</sup> Id. Ibid., p. 24.

<sup>15</sup> Id. Ibid., p. 28-32.

uma lógica de mercado, pois são, além de tudo, empresas capitalistas que visam, em primeiro plano, o lucro. A informação fica sitiada pelo duplo caráter de ao mesmo tempo seduzir o leitor e influenciar a sua percepção sobre a realidade.<sup>16</sup>

Esse processo começa, no contexto brasileiro, na transição do século XIX para o XX em um contexto da ascensão burguesa e do lento desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil, que fizeram surgir a “grande imprensa”.<sup>17</sup> Esses jornais, como é o caso de *Correio do Povo*, começam a adotar a organização de uma empresa capitalista, adotando a divisão e especialização do trabalho. O novo formato de jornal irá substituir o folhetim pelo colunismo, e, posteriormente, deste para a reportagem, bem como o aparecimento de conteúdos antes secundários, como o esporte e os temas policiais.<sup>18</sup>

As grandes empresas jornalísticas passam a defender interesses dos grandes grupos econômicos que anunciam e, assim, garantem a tiragem de exemplares a baixo custo para o leitor, ao mesmo tempo em que modernizam o parque gráfico dos jornais, visto que são necessários recursos vultosos para essa atualização do parque fabril com máquinas, na maior parte das vezes importadas. A defesa dessas “empresas patrocinadoras” do jornal pode ter um caráter mais direto, ou mesmo revestir-se pela imagem de neutralidade política.

A partir dessas perspectivas, é que pautaremos os objetivos do nosso trabalho. Considerando a imprensa não apenas como um veículo neutro de transmissão de informações, mas como um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social, além de ser uma empresa capitalista que, como tal é regida pelo lucro; e que pratica um jornalismo formador de opinião.

---

<sup>16</sup> Id. Ibid., p. 32.

<sup>17</sup> SODRÉ, op. cit., p. 315.

<sup>18</sup> Id. Ibid., p. 339.

## 1 – O Primeiro Governo Vargas e os “Súditos do Eixo”: história e historiografia

Não convém aqui, devido às dimensões desse trabalho, elaborar uma reconstituição dos fatos que levaram à queda da primeira República e ascensão de Vargas à Presidência do Brasil. Apenas colocarei alguns pontos que julgo necessários para a compreensão do tema deste trabalho.

Getúlio Vargas chega à Presidência da República em 1930 através de uma Revolução posta em prática por três estados da Federação: Rio Grande do Sul, Paraíba e Minas Gerais. Este movimento se desenhou após a derrota de Getúlio nas urnas para o candidato do governo e teve como estopim a morte de João Pessoa. Segundo Boris Fausto, o movimento revolucionário foi revigorado por esse acontecimento, e João Pessoa foi transformado em mártir da Revolução.<sup>19</sup> Ainda para Boris Fausto, seria muito difícil prever que após o mandato relativamente tranqüilo de Washington Luís surgiria uma cisão entre as elites dos grandes estados. Mais ainda, que isso levaria ao fim da Primeira República através de uma Revolução. De acordo com Fausto, isso só foi possível pela insistência de Washington Luís na candidatura de um paulista para sua sucessão, o que rompia com o acordo entre Minas e São Paulo para a alternância do poder central.<sup>20</sup>

Chegando ao poder, Getúlio irá, como uma de suas primeiras atitudes, centralizar o poder em suas mãos, através de uma série de medidas. A principal delas será a nomeação de interventores para os estados em que o governo não é favorável ao poder central. A partir daí, serão implementadas várias políticas para nacionalizar a população ou, como se dizia na época, “abrasileirar os colonos”. Entre tais medidas estão a implantação de um currículo nacional unificado (sendo que uma das medidas principais foi a obrigatoriedade do ensino em língua portuguesa, abandonando a tradição das colônias que mantinham escolas com idioma de seus países de origem) e as políticas de nacionalização das populações de imigrantes que viviam no Brasil desde o início do século XIX. Em muitos casos, o governo nomeava uma professora brasileira para ministrar aulas a alunos que não falavam o

---

<sup>19</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 1995. p. 323.

<sup>20</sup> FAUSTO, op. cit., p. 319.

português, gerando problemas graves de comunicação, principalmente entre os colonos alemães. Para essas populações que, muitas vezes, viviam num grau muito alto de isolamento do restante da população brasileira desde sua chegada tornava-se quase impossível adaptar-se repentinamente ao novo modo de vida. Por certo, isso gerou muitos mal-entendidos que por vezes não foram superados.

Essas medidas irão se radicalizar com a decretação do Estado Novo em 1937, depois que o governo armou um plano que ficou conhecido como Plano COHEN. Esse plano foi construído por pessoas ligadas ao governo de Vargas e divulgado na imprensa como sendo uma conspiração comunista para derrubar Getúlio. A partir daí, Vargas e seus aliados conseguiram aprovar medidas ditatoriais que culminaram com a implantação do Estado Novo.

Com isso, as medidas contra imigrantes são intensificadas, chegando ao auge em 1942, com a declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, devido ao afundamento de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães. As perseguições foram de tal forma que chegaram a ser criados, espalhados pelo Brasil campos de internamento para os “súditos do eixo”.

### **1.1 – O “Perigo Alemão” e a Nacionalização dos Imigrantes**

As populações de imigrantes, principalmente alemães e italianos, começaram a sofrer com as autoridades brasileiras, a partir da formação do Estado alemão e italiano, no final do século XIX. Assim, não é correto acreditar que os imigrantes passaram a sofrer perseguições apenas após a Primeira Guerra Mundial. Segundo René Gertz, o perigo alemão não se originou em 1918 ou em 1933, mas tem sua origem com a criação do Estado Nacional Alemão.<sup>21</sup>

Principalmente quanto aos alemães, corriam boatos de que a Alemanha (recém constituída) procurava incorporar novos territórios, que

---

<sup>21</sup> GERTZ, René. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora UPF, 2005. p. 164.

seriam utilizados como mercado consumidor de bens industrializados e exportador de matérias-primas. Segundo Fáveri,

... a idéia de que os países sul-americanos seriam anexados pelo Reich não surgiu durante a Segunda Guerra, mas já pulava em fins do século XIX e era proveniente da forma imperialista com que a Alemanha tratava os povos da África e da Ásia.<sup>22</sup>

Segundo a autora, essa ameaça passou a ser mais concreta e real após a década de trinta, com a ascensão do nazismo e a subida de Hitler ao poder. Alguns mais exaltados temiam inclusive a invasão do sul do Brasil por tropas alemãs, principalmente após a ascensão do Nazifascismo ao poder.

Eram enfatizadas, segundo René Gertz, publicações como a de Hermann Rauschning que afirmava que o *Führer* tinha planos concretos de conquista do sul do Brasil.<sup>23</sup> Além disso, Gertz coloca que eram comuns publicações enfatizando o interesse alemão nas regiões do sul do Brasil, muito antes de Hitler ascender ao poder alemão. Em um livro de 1864, é colocada a idéia, de acordo com Gertz, que o sul do Brasil é um território em potencial para a expansão alemã, o autor relata que visitou a região e pode dizer que encontrou um território próprio para uma “segunda Alemanha”.<sup>24</sup>

Essas correntes de pensamento, que disseminavam o “perigo alemão”, influíram muito nas tomadas de decisão do governo e nas políticas referentes aos imigrantes (principalmente alemães) no Brasil, e especialmente no Rio Grande do Sul.

Luiz Roberto Lopez coloca que essa era uma idéia muito radical, mesmo para Hitler. De acordo com Lopez,

... a visão hitlerista, em termos de expansão, nunca ultrapassou a Europa. Se, nos currículos nazistas, houve quem pensasse em incorporar o sul do Brasil ao Reich alemão, seguramente não foi além

---

<sup>22</sup> FÁVERI, Marlene. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. p. 41

<sup>23</sup> GERTZ, René. **O Fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 75.

<sup>24</sup>Id. Ibid., p. 28.

da especulação: havia coisas mais importantes e urgentes no momento.<sup>25</sup>

Essa é a mesma posição defendida por José Plínio Fachel. Para o autor

A existência de cerca de um milhão de alemães e descendentes no Brasil... com forte manutenção da cultura germânica... não significava uma correspondente estrutura militar alemã no Brasil.<sup>26</sup>

René Gertz também concorda com essa posição. Para ele, não há indícios de que a Alemanha tenha elaborado qualquer projeto no sentido de tentar uma invasão militar ao sul do Brasil.

Fachel complementa, afirmando que, de acordo com publicações nos Estados Unidos, não existia uma quinta-coluna no sentido de unidades secretas capazes de derrubar um governo pela força.<sup>27</sup> Para Fachel, a disseminação do perigo de uma organização quinta-coluna está mais relacionada com a economia, visto que seria interessante para os estadunidenses tirarem da cena comercial os alemães, seus principais concorrentes no continente latino-americano.<sup>28</sup>

Quanto à influência do Partido Nazista no Brasil, Lopez coloca que o movimento nazista no país sempre atuou de forma independente. Portanto, ele acredita que não passavam de boatos as ligações diretas entre o partido alemão nazista e grupos localizados nas colônias brasileiras. Para Lopez,

... a máxima identificação entre o nazismo e as colônias alemãs esteve no fato de que o nacionalismo nazista ativava o sentimento local de preservação de tradições culturais germânicas – ou seja, um vínculo politicamente inócuo.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup>LOPEZ, Luiz Roberto. **Do Terceiro Reich ao Nazismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 1992. p. 136.

<sup>26</sup>FACHEL, José Plínio Guimarães. **As violências contra os alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: Editora e Gráfica da Universidade de Pelotas. 2002. p. 43.

<sup>27</sup>FACHEL, op. cit., p. 44.

<sup>28</sup>FACHEL, op. cit., p. 55.

<sup>29</sup>LOPEZ, op. cit., p. 141

Para essa questão, Tiago Weizenmann pondera que a constituição do “espaço vital” aliada à doutrina pan-germânica (união dos povos germânicos) projetava a Alemanha para fora de suas fronteiras. Segundo ele, chegaram a circular nas colônias alemãs, espalhadas pelo mundo, regulamentos elaborados pela A. O. “organização para o exterior” do partido nazista.<sup>30</sup>

Ana Maria Dietrich coloca que a adesão ao partido nacional-socialista foi tão grande no Brasil que, o país concentrava o maior número de membros filiados fora da Alemanha. Os dados coletados pela pesquisadora dizem respeito a todo o país, sendo que a autora constatou a presença do partido nazista em dezessete estados.<sup>31</sup> Contudo, Weizenmann ressalta que, apesar da disseminação do partido pelo Brasil, o Nazismo não constituía uma unanimidade entre os teuto-brasileiros, assim não havia uma adesão completa às suas propostas. René Gertz concorda com essa tese e acrescenta que a maior parte da população de imigrantes não se sentia representada pelos líderes acusados de pertencerem ao partido nacional-socialista.

De acordo com Weizenman,

... havia, inclusive, grande resistência por parte dos descendentes, mesmo que ideias e hábitos de tal germanidade tivessem sido preservados ao longo de gerações. **Alguns se declaravam nacionalistas** e, ao mesmo tempo, **fiéis ao governo de Getúlio Vargas** (grifo meu).<sup>32</sup>

O livro, intitulado *O Nazi-fascismo na América Latina: mito e realidade*, de Héglio Trindade,<sup>33</sup> analisa a expansão das idéias da extrema direita europeia na América Latina. Partindo do pressuposto de que os países latino-americanos possuem uma rede de relacionamentos econômicos,

---

<sup>30</sup>Esta organização estava interessada em os alemães filiados ao partido Nazista no exterior. As manifestações para a criação de um posto voltado para o exterior manifestaram a partir de agosto de 1929.

<sup>31</sup> DIETRICH, Adriana Maria. **Nazismo Tropical?** O partido nazista no Brasil. São Paulo: USP, 2007. 378 p. (tese). Programa de Pós-Graduação de História Social, São Paulo, 2007.

<sup>32</sup> WEIZENMANN, TIAGO. **Cortando as Asas do Nazismo:** representações e imaginário sobre o Nazismo na Revista Vida Policial (1942-1944). UNISINOS, 2008, 298 p. (Dissertação), Programa de Pós-Graduação em História UNISINOS, 2008, São Leopoldo. p. 86.

<sup>33</sup> TRINDADE, Héglio. **O Nazi-fascismo na América Latina.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 76 p.

políticos, culturais e étnicos que sempre foram intensos com a Europa, o autor assegura que

... o que ocorria na Europa tinha, através desses canais de comunicação, um impacto direto sobre as elites políticas e intelectuais e sobre os setores da população que, por razões étnicas, culturais ou ideológicas, se identificavam ou sofriam uma forte influência.<sup>34</sup>

Além disso, ele coloca que o número de partidários do Nazismo chegava a aproximadamente 5.000 pessoas, número considerado baixo pelo pesquisador haja vista o número total de imigrantes. Gertz acrescenta que a atividade partidária restringiu-se a alguns elementos não integrados nas zonas de colonização e por isso a oposição não foi tão generalizada quanto parece.<sup>35</sup>

Contudo, o senso comum na época acreditava que a população de descendentes de europeus, sobretudo a de origem germânica, nunca se integraria à realidade brasileira sem que medidas oficiais fossem adotadas pelo governo, pois acreditava-se que tais populações estavam apenas fisicamente no Brasil.

Dessa forma, o governo passa a adotar várias medidas para nacionalizar e introduzir nessas populações de imigrantes uma consciência de pertencimento ao Brasil. Tais medidas são postas em prática, sobretudo, durante o Estado Novo. A partir 1938, segundo D'Araujo,<sup>36</sup> começam a ser postas em prática as medidas de nacionalização, proibi-se o uso das línguas estrangeiras no ensino e em cerimônias, mesmo que não oficiais (medida visava atingir, principalmente, o ensino de escolas localizadas em comunidades de colonização estrangeiras). Segundo Edgard Carone,<sup>37</sup> não apenas medidas culturais foram aplicadas aos imigrantes. Ele ressalta que o Estado brasileiro, a partir de 1938, começou a elaborar um complexo conjunto de decretos visando restringir a participação de “estrangeiros” em determinadas atividades

---

<sup>34</sup> TRINDADE, op. cit., p. 13.

<sup>35</sup> GERTZ, op. cit., p. 108.

<sup>36</sup> D'ARAUJO, Maria Celina. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2000. p. 35.

<sup>37</sup> CARONE, Edgar. **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1988. 387 p.

econômicas, bem como proibiu a atividade política e fechou todas as organizações políticas tanto de italianos, quanto de alemães. Conforme o autor, “Posteriormente, com o estado de beligerância e a entrada do Brasil na guerra é que serão adotadas outras medidas mais drásticas”.<sup>38</sup>

René Gertz observa em seu livro “O Estado Novo no Rio Grande do Sul”,<sup>39</sup> que determinadas personalidades gaúchas como Alberto Pasqualini e Gaston Englert saíram em defesa dos imigrantes de origem alemã e italiana no contexto da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Protestaram pedindo que o governo distinguisse claramente “eventuais agentes”, dos regimes, alemão e italiano, e a massa da população de origem alemã e italiana.<sup>40</sup> Para Gertz, no Rio Grande do Sul (diferentemente de Santa Catarina, onde a campanha de nacionalização tomou medidas drásticas a partir de 1930) as práticas foram mais amenas até a saída do governo de Flores da Cunha, que era simpatizante dos colonos imigrantes e incentivava festas e comemorações em homenagem a imigração no Estado. Flores da Cunha incentivava comemorações e festejos em dias importantes para os imigrantes. Segundo Gertz, após sua deposição, Flores será acusado de envolvimento com o Nazismo e com empresas pertencentes a alemães e descendentes. Esse contexto fez com que, de acordo com Gertz,

... as medidas de ‘nacionalização’ irromperam no Rio Grande do Sul de forma mais ou menos abrupta após a implantação do Estado Novo, em especial, com o início da interventoria do coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, cujas preocupações exageradas com aspectos ‘etnográfico-internacionalistas’ causaram estranheza até a políticos com ligações estreitas a Vargas.<sup>41</sup>

De acordo com Giralda Seyferth, o ápice da política de perseguição aos imigrantes se dará a partir de 1942, quando alemães, italianos, e japoneses, considerados indesejáveis e acusados de ligações com os países totalitários europeus na nova conjuntura nacional, serão levados a campos de

---

<sup>38</sup> Id. Ibid., p. 161.

<sup>39</sup> GERTZ, René. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora UPF, 2005.

<sup>40</sup> Id. Ibid., p. 67.

<sup>41</sup> Id. Ibid., p. 159.

internamento por todo o país.<sup>42</sup> Contudo é importante lembrar que mesmo antes desse período, políticas de nacionalização já estavam sendo implantadas para “abrasileirar” essas populações de imigrantes.<sup>43</sup> Segundo Seyferth:

As medidas efetivadas pelo Estado Novo vinham sendo preconizadas desde o século XIX, mas só um Estado autoritário poderia criar uma legislação impositiva de assimilação e do caldeamento e propor, por decreto, estudos científicos que dessem diretrizes eugênicas (raciais), sociais e culturais para erradicar as diferentes étnicas que faziam dos imigrantes cidadãos incompatíveis com a nação.<sup>44</sup>

De acordo com Fachel, essas medidas foram adotadas para

... numa demonstração de fé, para mostrar que a posição brasileira era firme e inequívoca, a polícia do Estado Novo passou a perseguir todas as manifestações culturais dos alemães, italianos e japoneses foram estigmatizados nos seus aspectos físicos, independente do seu posicionamento político.<sup>45</sup>

## 1.2 – Os Campos de Internamento

A detenção de presos políticos durante o primeiro governo Vargas, principalmente com o advento do Estado Novo, foi uma constante. De acordo com Antônio Pedro Tota<sup>46</sup>, “a partir de 1937, multiplicaram-se as prisões, criaram-se campos de concentração e colônias agrícolas para ‘reeducação moral e cívica’ dos cidadãos que haviam se ‘desviado’”<sup>47</sup> (num primeiro momento para comunistas, depois essas práticas se estenderam para os imigrantes acusados de conspirarem contra a Pátria).

No entanto, uma fração desses detentos não se enquadrava na categoria de presos políticos tradicionais, entenda-se aqueles opositores do

---

<sup>42</sup> SEYFERTH, Giralda. **Os Imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo**. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: 1999.

<sup>43</sup> No caso do Rio Grande do Sul, principalmente a alemã que era a mais numerosa.

<sup>44</sup> SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. p. 199-299.

<sup>45</sup> FACHEL, op, cit., p. 53.

<sup>46</sup> TOTA, Antonio Pedro. **O Estado Novo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. 67 p.

<sup>47</sup> Id. Ibid., p. 22.

governo. Os membros dessa categoria eram tratados como os “súditos do Eixo”,<sup>48</sup> pois eram descendentes de alemães, italianos e japoneses que, nesse período, foram apresentados como inimigos do Brasil na Segunda Guerra Mundial, por apresentarem vinculações com os países do eixo.

Sobre os campos de internamento são muito escassos os trabalhos realizados, talvez pelas dificuldades já citadas neste projeto. O trabalho mais expressivo sobre o tema é o livro de Priscila Perazzo.<sup>49</sup> A autora realiza uma profunda pesquisa a nível nacional quanto à administração das unidades prisionais que abrigavam os “súditos do eixo”, bem como aborda o cotidiano das prisões de imigrantes no que diz respeito às condições de higiene, saúde e limpeza dos internos e das penitenciárias. No entanto, quanto à colônia penal do Rio Grande do Sul, a autora faz colocações que não ultrapassam mais do que três páginas. Perazzo realiza uma breve, mas importante descrição sobre a prisão do Rio Grande do Sul:

A Colônia Penal Agrícola Gen. Daltro Filho, construída às margens do rio Jacuí, na região da antiga cidade de São Jerônimo, a 60 km de Porto Alegre... No ano de 42, nela encontravam-se entre 200 a 300 prisioneiros, sendo 41 alemães, três italianos e cinco japoneses... O cotidiano... trabalho diário iniciado às sete da manhã e que se estendia pelo dia todo... Tinham uma hora de almoço... os alemães dormiam todos no mesmo dormitório e eles mesmos se encarregavam da limpeza das instalações.<sup>50</sup>

Esse livro é fruto da tese de doutoramento da autora e traz um panorama geral sobre as prisões que serviram como campos de internamento durante o período em que o Brasil estava em guerra declarada com as potências do Eixo. Segundo a autora, essas prisões seriam num total de doze. Mas esse dado é controverso, pois Gertz coloca que ocorreram, no Rio Grande do Sul, denúncias que davam conta da existência de, pelo menos, mais um campo em Santa Rosa. Conforme o pesquisador, depois da guerra, surgiram várias denúncias de presos que “eram conduzidos como porcos, em

---

<sup>48</sup> Essa expressão era corrente nos exemplares do jornal por mim analisados e na bibliografia sobre o tema.

<sup>49</sup> PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros de Guerra**: os “súditos do eixo nos campos de internamento brasileiros (1942-1945). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2009.

<sup>50</sup> Id. Ibid., p. 173.

caminhões” até um presídio em Santa Rosa.<sup>51</sup> Apesar de certas limitações, o trabalho da autora ainda é o que trata com maior propriedade sobre o tema. A pesquisadora Marlene de Fáveri também constata que mais um presídio era utilizado para a internação de imigrantes em Santa Catarina. Segundo ela, Perazzo não teria contabilizado este entre as doze colônias penais.<sup>52</sup>

O trabalho de Fáveri é muito interessante. Apesar de não ser específico sobre o tema, mostra a situação dos campos de internamento de Santa Catarina. Este livro, também é fruto de uma tese de doutoramento, mostra o cotidiano da guerra em Santa Catarina e dedica algumas páginas à situação dos imigrantes do Eixo naquele estado.<sup>53</sup> A autora aborda várias questões em torno do cotidiano da guerra em Santa Catarina, mostrando com muita propriedade as situações vividas pelas pessoas comuns num contexto onde o governo tentava fazer crer que o Brasil também estava seriamente ameaçado pela guerra na Europa.

Fáveri mostra, para o caso das colônias catarinenses, como o terror estava enraizado, principalmente com base nas políticas de nacionalização em que o governo disseminava entre a população o perigo que “teoricamente” representavam os descendentes do Eixo. A autora afirma que houve, logo após a declaração de guerra às potências do Eixo, uma “verdadeira caça às bruxas... onde a idéia de conspiração se acirrou e as perseguições políticas passaram a ter um lugar assegurado e legitimado”.<sup>54</sup> A perseguição, de acordo com a pesquisadora, se dava através de denúncias feitas, na maior parte das vezes, por inimigos locais. Estes viam nas denúncias uma maneira de perseguir seus desafetos e alcançar algum prestígio perante as autoridades. Como Fáveri coloca, “a denúncia foi uma forma de inocentar uns e dedurar outros”.<sup>55</sup> A pesquisadora acrescenta que desavenças de ordem econômica e social eram utilizadas para transformar concorrentes em inimigo da pátria.

---

<sup>51</sup> GERTZ, René. Identidade Nacional no Brasil Durante as Duas Guerras Mundiais. In: SILVA, Gilvan Ventura da; NADER, Maria Beatriz; FRANCO, Sebastião Pimentel (org.). **As Identidades no Tempo**: ensaios de gênero, etnia e religião. Vitória: EDUFES: Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em História, 2006. 372 p.

<sup>52</sup> FÁVERI, Marlene. **Memórias de uma (outra) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. p. 239.

<sup>53</sup> Id. Ibid., 533 p.

<sup>54</sup> Id. Ibid., p. 42.

<sup>55</sup> Id. Ibid., p. 167.

Segundo a autora, há dois momentos distintos de perseguição aos súditos do Eixo. O marco seria a entrada do Brasil na guerra. Antes de 1942, apesar de tensa, a situação não era tão grave para os imigrantes acusados de serem inimigos do país, sendo que a repressão se distingue de acordo com as relações entre o governo brasileiro e os imigrantes e do contexto político nos quais estão inseridos. Gertz estabelece uma divisão diferente quanto a esse ponto. Para ele, há dois momentos de perseguição aos alemães. O primeiro deles abarcaria o período que vai da constituição do Estado alemão em 1870 até o fim da primeira guerra, em 1918, sendo que a perseguição se arrefece até 1933. O segundo momento começa com a ascensão de Hitler ao poder e se estende até 1945.<sup>56</sup>

Entretanto as duas periodizações concordam quanto ao momento mais crítico da perseguição aos imigrantes que se dá quando o Brasil entra na guerra e, pressionado pelos Estados Unidos, passará a tratar os “súditos do Eixo” como prisioneiros de guerra, colocando estes em presídios sem o devido respaldo jurídico. Segundo Fáveri,

... em todo o país vigorava, então, esta política repressiva que retirava qualquer direito de defesa. Mesmo sem provas, muitos homens e mulheres eram detidos nas cadeias locais ou levados às penitenciárias. Pela Constituição de 1937, no artigo 186, foi declarado estado de emergência em todo o território nacional, porquanto, possibilitava a ordem de prisões, exílios e invasão a domicílios; instituiu-se a prisão preventiva e legalizava a censura a todos os meios de comunicações.<sup>57</sup>

Ainda segundo a autora, as colônias penais foram uma estratégia que visava diminuir a superlotação das cadeias, em 1935, vindo a ser utilizadas para presos de crimes contra a segurança nacional no período da guerra. Havia também, na época, uma idéia de que os presos submetidos a esse tipo de reclusão tinham uma maior chance de serem recuperados pela proximidade com a natureza e com o trabalho possibilitado nessas unidades prisionais.

---

<sup>56</sup> GERTZ, René. “Os súditos alemães” no Brasil e a “pátria-mãe” Alemanha. **ESPAÇO PLURAL**, Paraná, v. 19, CEPEDAL, p. 67-73, 2º semestre de 2008.

<sup>57</sup> FÁVERI, Marlene. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. p. 218-219.

Essas duas obras são o que de mais importante encontramos sobre o tema dos campos de internamento. A primeira realiza um estudo específico. A segunda, embora não seja específica sobre o tema, traz importantes considerações sobre o assunto. Ela coloca à luz vários pontos importantes sobre o cotidiano da Segunda Guerra Mundial.

Quanto às obras de autores que trabalham com a questão da imigração para o Rio Grande do Sul, encontramos apenas referências sobre o tema sem o devido aprofundamento. Um dos pesquisadores mais importantes sobre imigração no Brasil é o professor e pesquisador René Gertz.

Em seu livro *O Perigo Alemão*,<sup>58</sup> Gertz aborda questões relativas à imigração, desde a chegada de imigrantes até alguns anos após a Segunda Guerra Mundial. Além disso, trata de questões relativas ao Germanismo, Nazismo e nacionalização das populações de imigrantes que viviam no Brasil. O artigo “Identidade Nacional no Brasil Durante as Duas Guerras Mundiais”<sup>59</sup> de Gertz menciona dois campos de internamento no Rio Grande do Sul: a Colônia Penal General Daltro Filho, como identifica a pesquisadora Priscila Perazzo. Entretanto, Gertz ressalta para a possibilidade da existência de um campo clandestino que estaria localizado em Santa Rosa. Contudo, esses textos apenas mencionam a existência dos “campos”, não estabelecendo um estudo mais aprofundado sobre o tema. Assim, ficam caracterizados pela superficialidade, visto que são artigos curtos e propõem-se a tratar do tema como a nacionalização desencadeada pelo governo Vargas no período do Estado Novo.

A situação é mais grave com relação a estudos sobre a leitura que os órgãos de imprensa fizeram da temática, pois não é encontrado, para o caso específico do Rio Grande do Sul, nenhum trabalho acerca da repercussão das medidas estabelecidas contra os “súditos do Eixo” pelo governo brasileiro que tenham como mote o uso da fonte imprensa.

Sobre pesquisas que tenham como fonte a imprensa e que trabalhem com a temática não consegui encontrar nenhum material. O que

---

<sup>58</sup> René. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

<sup>59</sup> GERTZ, René. *Identidade Nacional no Brasil Durante as Duas Guerras Mundiais*. In: SILVA, Gilvan Ventura da; NADER, Maria Beatriz; FRANCO, Sebastião Pimentel (org.). **As Identidades no Tempo: ensaios de gênero, etnia e religião**. Vitória: EDUFES: Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em História, 2006. 372 p.

localizei foram estudos que, tendo como fonte a imprensa, tratam de temas referentes ao Nazismo. Estes são o caso da tese de doutoramento de Adriana Maria Dietrich<sup>60</sup>, que, a partir de arquivos localizados na Alemanha, entre eles, jornais que circulavam nas colônias alemãs (em idioma alemão) de várias regiões do Brasil. Não obstante de usar jornais em sua pesquisa, a historiadora observa o desenvolvimento das ideologias do partido nazista no país, bem como, da relação desses grupos com outros setores políticos, tendo em vista o contexto do primeiro governo Vargas.

Outro trabalho que trata sobre a questão do nazismo é a dissertação de mestrado de Tiago Weizenmann.<sup>61</sup> Basicamente, o texto trata sobre os aspectos trazidos pelo semanário editado pela polícia civil gaúcha sobre a questão nazista dentro da conjuntura do Estado Novo. Weizenmann utiliza-se de duas séries da revista. A primeira, “cortando as asas do nazismo” e a segunda, “os astros da quinta coluna”. A partir desses dois conjuntos da revista, ele traça um “perfil” da representação que o Estado, através da polícia, utilizava para identificar práticas e possíveis seguidores nazistas, bem como políticas adotadas frente à problemática do perigo que esses “seguidores de Hitler” representavam ao país.

Tendo em vista tudo o que foi até aqui apresentado, fica evidente a falta de pesquisa específica que contemple a repressão que sofreram os imigrantes que foram acusados de serem “súditos do Eixo” principalmente para o cenário do Rio Grande do Sul. Além disso, é mais evidente a falta de produções acadêmicas referentes à abordagem realizada pela imprensa gaúcha com relação ao tema. Diante da falta quase absoluta de trabalhos, justifica-se a realização de uma abordagem que não apenas tangencie o tema, mas que penetre profundamente na questão, trazendo à tona elementos que possam explicar ou, pelo menos, que contribuam para desencadear outras pesquisas, futuramente.

---

<sup>60</sup> DIETRICH, Adriana Maria. **Nazismo Tropical?** O partido nazista no Brasil. São Paulo: USP, 2007. 378 p. (tese), Programa de Pós-Graduação de História Social.

<sup>61</sup> WEIZENMANN, Tiago. **Cortando as Asas do Nazismo**: representações e imaginário sobre o Nazismo na Revista Vida Policial (1942-1944). São Leopoldo: UNISINOS, 2008, 298 p. (Dissertação), Programa de Pós-Graduação em História UNISINOS.

## 2 – O *Correio do Povo* e seus bordões: uma breve história do jornal

A nova metodologia que passou a incluir a fonte imprensa por pesquisadores, nos últimos anos, inspirou alguns trabalhos com o jornal *Correio do Povo*. Um bom exemplo desse tipo de abordagem no qual o “Correio” é citado como fonte é o estudo de Gerson Fraga sobre a Guerra Civil Espanhola.<sup>62</sup> O principal trabalho talvez seja o do jornalista Walter Galvani. Com um ar romanceado, o autor conta a trajetória do jornal desde a sua fundação até o fechamento devido à falência, em meados da década de 80.<sup>63</sup> Outro trabalho importante é uma entrevista de Breno Caldas ao jornalista José Antônio Pinheiro Machado, que foi publicada em livro. Nessa entrevista, é relatada a história do jornal a partir da perspectiva de seu diretor-proprietário, desde os tempos áureos do periódico até a agonia dos últimos dias antes da falência.<sup>64</sup> Há também uma gama de outros trabalhos que fazem referência ao jornal pela sua importância naquilo que se refere ao seu caráter inovador, inclusive a nível nacional.

A fundação do “Correio” se deu no dia 29 de setembro de 1895. No dia 1º de outubro de 1895, a cidade conhecia o primeiro exemplar do novo periódico que, de acordo com seu proprietário, deveria ser um jornal inovador, deveria ser diferente dos outros. Deveria ser um jornal apartidário, um jornal para as massas,<sup>65</sup> livre, independente, que devesse ser lido por todas as facções partidárias. Enfim, “um jornal que não seja escravo dos partidos, nem dos politiqueros”.<sup>66</sup> No entanto, apesar de se apresentar como apartidário, o jornal deixava claro no seu primeiro editorial qual a sua posição quanto ao regime de governo do país: “Em política, somos pela República”.<sup>67</sup> Galvani informa que, no início, havia especulações quanto à preocupação de se lançar

---

<sup>62</sup> FRAGA, Gerson Wasen. **Brancos e Vermelhos: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do Correio do Povo (1936-1939)**. Porto Alegre: UFRGS, 2004 (dissertação de mestrado), Programa de Pós-Graduação em História.

<sup>63</sup> GALVANI, Walter. **Um Século de Poder: os bastidores da Caldas Junior**. 2ª. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

<sup>64</sup> MACHADO, José Antonio Pinheiro. **Breno Caldas: meio século de Correio do Povo-glória e agonia de um grande jornal**. Porto Alegre: LP&M Editores S. A., 1987.

<sup>65</sup> É interessante lembrar que essa preocupação de informar as massas é apenas uma forma de discurso, pois no final do século XIX e início do XX a maioria da população era constituída por analfabetos. A partir daí, é importante que o pesquisador/leitor esteja atento para questionar também outros pontos do editorial do jornal.

<sup>66</sup> GALVANI, op. cit., p. 28.

<sup>67</sup> Id. Ibid., p. 47.

um jornal apertidário num estado em que, ou se era de um partido ou de outro. Uma crítica corrente ao “Correio” por parte de seus concorrentes era a de que, segundo Galvani, “o Correio ostenta o pregão de independência e vive para a gaveta”. Galvani esclarece que “viver para a gaveta”, no jargão jornalístico, significava o jornal que recebia dinheiro para publicar ou deixar de publicar alguma notícia.

O primeiro slogan do *Correio do Povo* foi o seguinte: “O jornal de maior tiragem do Rio Grande do Sul”. Este fez parte, segundo Galvani, das primeiras décadas do jornal.<sup>68</sup> Ele foi utilizado como uma espécie de provocação sobre seus concorrentes, como o caso do *Jornal do Comércio* (que nada tem a ver com o seu homônimo atual), que chegou a disputar com o “Correio” essa posição por alguns anos.

No entanto, a importância do *Correio do Povo* está muito além de sua autopromoção como veículo mais vendido no estado e se deve ao fato de inaugurar no Rio Grande do Sul uma nova concepção de jornalismo. Como já referido anteriormente, ele traz um enfoque apertidário para a sua linha editorial. Esse tipo de jornalismo irá suplantar o tradicional jornalismo político, ao longo das primeiras décadas do século XX. O “golpe final” será dado por Getúlio Vargas, na implantação do Estado Novo, em 1937, quando acontecerá o fechamento dos principais jornais de partidos da oposição ao seu Governo, como foi o caso de *A Federação*, aqui no estado. Além disso, contribui para o pioneirismo e a importância do “Correio” a sua organização como empresa capitalista. Procurando sempre investir em tecnologias inovadoras e mais eficientes, o veículo passa a nortear seu jornalismo para a busca do lucro, como se fosse uma empresa capitalista comum. Daí a crítica anterior, pelos seus concorrentes, de que na redação do jornal o que mandava era a “gaveta”. Assim, segundo Rüdiger, o desenvolvimento do jornalismo moderno no estado está diretamente ligado ao nome do jornal *Correio do Povo*. Segundo o autor, a conjuntura era propícia a esse tipo de jornalismo, pois o estado estava saindo de uma luta civil que durara quase três anos. No entanto, cabe ressaltar novamente que o sucesso do “Correio” está ligado também ao seu formato

---

<sup>68</sup> GALVANI, op. cit., p. 75-76.

empresarial, pois, como Rüdiger lembra, surgiram outros jornais com a mesma linha editorial que não fizeram o mesmo sucesso na época.<sup>69</sup>

O *Correio do Povo* foi um sucesso editorial desde o seu lançamento. Com o pressuposto apartidário e com sua redação voltada para o lucro, o jornal atingiu já em 1900 uma tiragem média diária de 5.000 exemplares, chegando a picos de 10.000 em alguns dias.<sup>70</sup> O segredo para tanto sucesso era justificado pela fala de seu proprietário Caldas Junior: “Boas máquinas e bons profissionais são o nosso segredo”. Uma característica que ficou marcada, nos primeiros anos do jornal, foi a cor do papel em que era editado: o cor-de-rosa. Essa característica lhe rendeu o apelido de “o róseo”.<sup>71</sup> A cor foi escolhida justamente para diferenciá-lo dos jornais da época, que defendiam abertamente um ou outro partido político. O cor-de-rosa perdurou até a Segunda Guerra Mundial, quando foi substituído de vez pelo papel branco. É importante ressaltar que o jornal foi editado e publicado também em papel branco antes desse período, pois eram enormes as dificuldades para a obtenção do papel róseo.

Em toda a história do jornal até 1945, ficaram marcados dois episódios envolvendo a censura. A primeira aconteceu em 1918, quando o periódico foi proibido de divulgar notícias sobre a “gripe espanhola”. A segunda censura ocorreu por motivos políticos em 1933 por ordem do interventor do estado Flores da Cunha, com quem o “Correio” teve alguns problemas durante a sua gestão no Rio Grande do Sul. No entanto, é curioso perceber que o “Correio” não teve problemas mais sérios com o Governo Vargas, pelo contrário, foi beneficiado com ele devido ao fechamento de seus concorrentes ditos partidários, entre eles o jornal *A Federação*.<sup>72</sup> Em entrevista a Pinheiro Machado, Breno Caldas (filho do fundador Caldas Junior) relata que o jornal contribuiu materialmente, inclusive, para a Revolução de 30. Segundo o próprio Breno Caldas, “o *Correio do Povo* ajudou a financiar a Revolução de 30, pagamos viagens, despesas dos revoltosos...”.<sup>73</sup> Assim, era de se supor que

---

<sup>69</sup> RÜDIGER, op. cit., p. 58.

<sup>70</sup> GALVANI, op. cit., p. 100.

<sup>71</sup> FRAGA, op. cit., p. 17.

<sup>72</sup> GALVANI, op. cit., p. 220-308.

<sup>73</sup> MACHADO, op. cit., p. 105.

durante o Governo de Getúlio o jornal, mesmo que não fosse beneficiado, não seria incomodado.

“Se deu no *Correio do Povo*, então é verdade”. Este foi outro slogan famoso do “Correio”, segundo Breno Caldas seria talvez o mais famoso. Sua origem está relacionada à morte do papa Pio XII, na década de 50, que apenas o *Diário de Notícias* (então concorrente do “Correio”) publicou. Isto se deu pelo fato de que o funcionário que recebia as notícias por telégrafo não captou a mensagem. Tal fato, segundo Breno Caldas, gerou enorme confusão, sendo que até o arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, ligou para a redação do jornal para confirmar se o papa havia morrido realmente. Depois disso, Breno disse ao arcebispo que podia decretar luto oficial, pois o papa havia falecido.<sup>74</sup>

Durante décadas, o jornal foi símbolo de poder e de empresa bem-sucedida.<sup>75</sup> Isso começou a mudar durante a década de 70, culminando com a falência da empresa, em meados da década de 80. Breno Caldas constata entre os motivos que levaram ao fechamento das empresas Caldas Junior os investimentos feitos para além do jornal. Ele assinala, sobretudo, a criação da TV Guaíba. Segundo Breno, a televisão exigia muito mais dinheiro do que ele poderia imaginar. Além disso, a falta de experiência no ramo também contribuiu para o malogro da atividade. O golpe final viria com a desvalorização da moeda frente ao dólar. Como os equipamentos eram todos importados, cada vez que a moeda nacional perdia valor, a dívida aumentava proporcionalmente à desvalorização. Assim, as empresas Caldas Junior não resistiram ao volume de dívidas acumuladas, e Breno Caldas acabou decretando a falência das empresas.<sup>76</sup>

Além desses apontamentos que Breno Caldas faz sobre os motivos de sua bancarrota, podemos apontar outros que, embora menores, também podem ter contribuído para o desfecho melancólico de um dos jornais mais importantes do estado. Mesmo que Breno se refira aos pontos que serão expostos, ele não os julga como despesas causadoras da quebra de seu jornal. O herdeiro do “Correio” costumava investir em bens que não geravam renda

---

<sup>74</sup> MACHADO, op. cit., p. 19-20.

<sup>75</sup> Antes da década de 80, apenas em 1929-1930 o jornal havia fechado suas contas no vermelho. Algo perfeitamente aceitável devido à crise mundial ocorrida nessa época.

<sup>76</sup> MACHADO, op. cit., p. 31-35.

para as suas empresas, pelo contrário, eram investimentos que oneravam ainda mais as suas receitas. Breno era amante de corrida de cavalos e mantinha um Haras desde 1937, sendo, inclusive, destaque em competições da área. Além disso, o empresário investia em terras. Ele conta que uma das propriedades que entregou para pagar contas da empresa tinha 800 hectares.<sup>77</sup> Portanto, embora possa não ser a causa principal, provavelmente essas imobilizações de capital contribuíram para o declínio e a falência das empresas Caldas Junior, à medida que o capital da empresa era desviado para outras atividades.

---

<sup>77</sup> MACHADO, op. cit., p. 131.

### 3 – As Perseguições aos “Súditos do Eixo” sob a ótica do *Correio do Povo*

Antes de partir para a análise direta da nossa fonte de pesquisa, é importante ressaltar as observações feitas por dois pesquisadores quanto à utilização do jornal como fonte histórica e a leitura que deve ser realizada pelo historiador desse material. A primeira observação é colocada por Cláudio Elmir e se refere àquilo que o autor chama de “leitura intensiva”.<sup>78</sup> Esta deve ser uma leitura meticulosa, demorada, exaustiva, pois o tempo da experiência de leitura que o historiador faz não é o mesmo do tempo da formulação do texto jornalístico. O historiador deve sempre ter em mente que o público-alvo do texto publicado pelo periódico não é o pesquisador, mas homens que estão deslocados no tempo e no espaço, que tiveram outras experiências sociais.

Elmir alerta que o historiador deve buscar a “regularidade” no trato de sua fonte, para que não se baseie em um fragmento único, isolado do contexto geral da publicação, que comprometeria a análise do trabalho: “em pesquisa com o jornal, a análise do maior número deve ser a primeira garantia para o não cometimento do erro; ainda que não seja toda a garantia”.<sup>79</sup>

Além desse autor, basearemos nossa análise nas considerações de Tânia Regina de Luca.<sup>80</sup> A pesquisadora apresenta em um de seus trabalhos alguns apontamentos que julga serem importantíssimos quando o assunto é a abordagem de um tema através de periódicos. Ela chama atenção para os aspectos que devem ser levados em conta pelo historiador, no momento em que decide trabalhar com a fonte imprensa

... é importante estar atento para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos... que nada tem de natural... das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas... O conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa... a imprensa

---

<sup>78</sup> ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, n. 13, 1995.

<sup>79</sup> Id. *Ibid.*, p. 23

<sup>80</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-155.

periódica seleciona, ordena, estrutura e narra...aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público...<sup>81</sup>

A autora ressalta que é necessário ainda

identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos... inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses.<sup>82</sup>

Para finalizar, a autora ressalta a importância do pesquisador “recorrer a outras fontes de informação para dar conta do processo que envolveu a organização, o lançamento e a manutenção do periódico”.<sup>83</sup>

A partir dessas considerações, faremos a “leitura intensiva” dos exemplares do *Correio do Povo* que representam os anos em que as medidas governamentais de perseguição aos “súditos do eixo”, ou seja, o período de 1942 a 1945. Não obstante, durante a pesquisa senti a necessidade de recuar alguns anos no tempo e coletei dados também para os anos de 1940 e 1941, que farão parte dessa análise. Também serão levadas em consideração as observações de Tânia Regina de Luca tanto em relação à configuração das páginas do jornal e sua “materialidade” quanto aos aspectos subjetivos ligados à estrutura administrativa do jornal.

### **3.1 - Os “Súditos do Eixo” nas reportagens do “Correio”**

Após um primeiro contato com o “Correio”, analisando suas reportagens, pudemos perceber que as matérias apresentadas ao público têm várias origens diferentes. Nessa época, era comum que os periódicos informassem a fonte de suas notícias, assim fica relativamente fácil estabelecer essa origem. O “Correio”, naquilo que se refere a notícias veiculadas aos “súditos do Eixo” apresentava matérias das mais variadas fontes. Podemos perceber, além de matérias do próprio “Correio”, outras advindas de agências

---

<sup>81</sup> Id. Ibid., p. 132.

<sup>82</sup> Id, Ibid., p. 140.

<sup>83</sup> Id. Ibid., p. 141.

de notícias, como a Agência Nacional (órgão oficial do governo), além de matérias de outros jornais. Segundo Fraga, “importar’ matérias de outros periódicos não se constituía em nenhuma novidade na prática jornalística, sendo fato amplamente apontado por pesquisadores que se atem às fontes jornalísticas”.<sup>84</sup> Além disso, há também a veiculação de reportagens de agências internacionais, se bem que com um menor grau de intensidade. O *Correio do Povo* também destinava a discussão do assunto em seus editoriais. A esse respeito, há algumas matérias que tratam de questões relativas aos “súditos do Eixo”, que vão desde o tratamento aos quintas-colunas,<sup>85</sup> de uma forma mais ampla, até os relatos de casos pontuais, como foi o de uma conspiração nazista em Cruz Alta, que motivou o acompanhamento de perto pelo “Correio”, através de várias reportagens.

A tabela abaixo mostra um levantamento das notícias apresentadas pelo “Correio”, desde o início do ano de 1940 até o final de 1945. As reportagens foram divididas, basicamente, em matérias que dizem respeito a determinado grupo de imigrantes, bem como a matérias que faziam referência a todas as nacionalidades de imigrantes “súditos do eixo” na mesma notícia.

<b>Reportagens sobre</b>	<b>1940</b>	<b>1941</b>	<b>1942</b>	<b>1943</b>	<b>1944</b>	<b>1945</b>
<b>Alemães</b>	2	1	63	27	14	3
<b>Italianos</b>	2	0	6	2*	2*	2*
<b>Japoneses</b>	0	0	11	1	0	0
<b>Todas as nacionalidades de “Súditos do e Eixo”</b>	11	18	109	46	19	3

\*Notícias dizem respeito a benefícios concedidos aos italianos como, por exemplo, o decreto que liberou os bens apreendidos dos imigrantes italianos.<sup>86</sup>

O quadro acima possibilita realizar um comparativo entre a frequência com que eram abordadas as matérias sobre os “Súditos do Eixo”. Podemos perceber um grande aumento no número de reportagens no ano de

<sup>84</sup> FRAGA, op. cit., p. 71.

<sup>85</sup> Termo utilizado para fazer referência aos “súditos do eixo” identificados com conspirações contra o Estado brasileiro.

<sup>86</sup> *Correio do Povo*, 11 de julho de 1945, p. 8.

1942, corroborando com as teses defendidas pelos autores tratados anteriormente nesse trabalho de que é no ano de 1942 que se intensifica a perseguição aos imigrantes tidos como “súditos do Eixo”, visto que boa parte dos pontos levantados pelo jornal fazia referência aos perigos que a ação traiçoeira dos quintas-colunas podia trazer ao Brasil, através das colônias de imigrantes do sul do país.<sup>87</sup>

Outro dado interessante de ser observado nas matérias do jornal é a quase ausência de referências aos colonos italianos em matérias exclusivas, mesmo em 1942, quando a Itália ainda estava combatendo ao lado do Nazismo. As reportagens de japoneses quase ultrapassam aquelas que tratam sobre os imigrantes italianos, mesmo com a quase nula presença de imigrantes japoneses no Estado.<sup>88</sup> Isso pode ser explicado pelo que René Gertz coloca quanto ao processo de nacionalização dos italianos em comparação com os alemães no estado. Citando o secretário de Educação da época, Coelho de Souza, Gertz destaca que o mesmo atribuía à colônia italiana uma grande colaboração com as medidas de abasileiramento de Vargas. Segundo o próprio secretário, os italianos não causavam problemas e até reivindicavam a construção de escolas nas colônias e a conquista desse objetivo era motivo de festa para essas comunidades.<sup>89</sup> Outros motivos também podem ser aventados para a ampla diferença entre as reportagens de alemães e italianos. Dentre eles, Gertz coloca a maior afinidade entre a língua italiana e o português, ambas de origem latina, ao passo que para os imigrantes alemães era mais difícil a comunicação e, talvez por isso, tenham se isolado mais do que os italianos. Assim, o jornal aproveitava-se desse afastamento do colono alemão na sociedade gaúcha, bem como das notícias veiculadas sobre os planos de Hitler vindas da Europa, e articulava um discurso que agradava ao seu público leitor.

O modo como eram tratados os “súditos do eixo”, nas reportagens do jornal, era bastante comedido. Foram por mim encontrados apenas por duas vezes a ocorrência de termos que podem ser considerados ofensivos como

---

<sup>87</sup> *Correio do Povo*, 28 de março de 1942, p. 3.

<sup>88</sup> Cabe aqui ressaltar que as reportagens não eram de assuntos exclusivos aos casos ocorridos no Rio Grande do Sul, mas sim de todo o Brasil. No entanto, os casos enumerados na tabela estão ligados “súditos do Eixo” que ocorreram dentro do país.

<sup>89</sup> GERTZ, René. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora UPF, 2005. p. 153-154.

“alienígenas” e “indesejáveis”.<sup>90</sup> Talvez isso possa estar relacionado com o fato de que o jornal buscava abranger o maior número de público possível, e muitos descendentes de alemães que lessem termos ofensivos a sua etnia, provavelmente, sentir-se-iam ofendidos e deixariam de ler o periódico, acarretando em prejuízo nas vendas. Contudo, cabe salientar que o “Correio” não deixou de se posicionar quanto à questão. Era contrário às potências do Eixo e àqueles que as apoiassem, fossem descendentes ou não. Assim, fica claro em determinadas matérias o que o jornal pretende passar ao seu público leitor, como evidencia a seguinte passagem de uma matéria sobre um professor acusado de práticas nazistas:

Evidencia-se do exame do processo a gravidade da infiltração inimiga em nosso país, procurando atingir todos os setores e visando, especialmente, a formação duma mentalidade na mocidade das escolas, contraria ao amor do Brasil e às coisas e tradições brasileiras. Comprova o processo, também, o acerto das medidas pelo [o sr. presidente da república], no sentido de reprimir a ação subterrânea desses inimigos que traíndo a acolhida generosa que tiveram, procuram, apenas, servir à política de agressão internacional, facilitando através da cátedra a desagregação...<sup>91</sup>

Mesmo antes disso, o jornal já colocava em seus editoriais o perigo que representavam os quintas-colunistas ao Estado brasileiro. Em um desses editoriais, o jornalista faz uma comparação da ação dos conspiradores com o Cavalo de Tróia

Costuma-se comparar a quinta-coluna ao Cavalo de Tróia ... mas... há diferença substancial entre as duas..., enquanto o Cavalo de Tróia era essencialmente militar a “quinta-coluna” é essencialmente política... Serão as [colônias] das nações do Eixo quintas-colunas potenciais? Eis aí o grande problema.<sup>92</sup>

O editorial continua com a seguinte resposta

---

<sup>90</sup> Correio do Povo, 20 de julho de 1940; 20 de novembro de 1941.

<sup>91</sup> *Correio do Povo*, 28 de dezembro de 1943, p. 14.

<sup>92</sup> *Correio do Povo*, 11 de abril de 1942, p. 3.

... as correntes imigratórias de italianos e alemães não vieram primitivamente para o Brasil com uma missão política. Já o mesmo não se pode dizer dos japoneses, cujas [colônias] nas Américas estão distribuídas obedecendo aparentemente a certas características de ordem estratégica... De qualquer modo, o problema da repressão à quinta-coluna é muito delicado para o nosso país, sobretudo porque temos [aquí] grandes [colônias] dos povos do Eixo... Assim, a questão primordial para o Brasil é saber onde, como e quando certos elementos dessas [colônias] poderão ser transformados em cavalos de Tróia, passando da atividade política à ação militar.<sup>93</sup>

Em seus editoriais, o “Correio” também alerta para a grande quantidade de descendentes de alemães no Rio Grande do Sul e alerta para a necessidade de adoção rigorosa de medidas ao combate ao Nazismo nas colônias do interior do estado. Podemos observar no trecho a seguir a manifestação do periódico com relação a isso:

Cabia ao Rio Grande do Sul, dado o desenvolvimento da colonização alemã no seu território, a maior responsabilidade e o maior trabalho na repressão do nazismo no Brasil. Não quer isso dizer que o resto do país não estivesse, também, sob a mesma obrigação... Porém os núcleos mais densos encontram-se, incontestavelmente, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, entre os quais, por sua vez, não faltam espíritos esclarecidos e instruídos. Das classes liberais, com especialidade em medicina, sobram representantes. Aí está porque cabia ao nosso Estado mais atenção sobre o comportamento dos germânicos.<sup>94</sup>

Nessa passagem, é possível perceber com bastante nitidez que o enfoque das preocupações lançadas pelo jornal à sociedade diz respeito apenas à colônia alemã no Estado. Mesmo no começo de 1942, quando a Itália ainda participa da Segunda Guerra ao lado da Alemanha, o periódico preocupa-se em alertar apenas para o perigo do imigrante alemão. Como já

---

<sup>93</sup> Id. Ibid.

<sup>94</sup> *Correio do Povo*, 2 de abril de 1942, p. 4.

discutido anteriormente, esse fato deve estar relacionado à maior assimilação pela política de Getúlio de abasileiramento, devido às maiores proximidades lingüísticas do italiano com o português.

### **3.2 – O cerco se fecha: os campos de Internamento nas páginas do *Correio do Povo***

Inúmeras foram as formas de coação aos descendentes de imigrantes. Os “súditos do Eixo” tiveram de pagar os prejuízos pelo afundamento dos navios brasileiros pelos submarinos alemães, perderam seus empregos, e foram, em certos casos, internados em prisões, com a justificativa de que conspiravam contra a Pátria brasileira.

O “Correio” mantém como característica publicar os decretos que o governo expedia sobre a situação dos “súditos do eixo”. Geralmente breves, quando não, o próprio texto do decreto, as reportagens limitavam-se em expor o conteúdo do decreto sem tecer qualquer tipo de comentário ou adendo. Uma das medidas mais conhecidas sobre o período, como a adequação ao idioma nacional ou o fechamento da imprensa de língua estrangeira, o “Correio” coloca o seguinte:

O presidente Getúlio Vargas, atendendo à exposição encaminhada pelo diretor geral do DIP, e aprovada pelo Conselho Nacional de Imprensa, que se edita em língua estrangeira, em nosso país, determinou que seja concedido aos jornais, revistas, ou quaisquer outras publicações [periódicas] enquadradas naquelas condições, o prazo de seis meses, para se adaptarem exclusivamente à [língua] brasileira sob pena de lhes ser cassado o registro.<sup>95</sup>

Muitas foram as medidas que o *Correio do Povo* trouxe ao conhecimento dos gaúchos, durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. Uma das primeiras foi a necessidade de registro de todos os “estrangeiros” residentes no Brasil. Este será constantemente prorrogado no decorrer da guerra, devido às dificuldades de alistamento da população. Num segundo momento, o registro deixou de ser obrigatório para pessoas com mais

---

<sup>95</sup> *Correio do Povo*, 07 de fevereiro de 1941, p. 3.

de sessenta anos. Outras medidas repercutiram no jornal. Por exemplo, a necessidade de indulto para o deslocamento dos “súditos do eixo” em viagens intermunicipais, além do porte de documentos especiais para transitar dentro do próprio município. Contudo, a medida que parece ter provocado mais discussões foi o decreto que proibia empresas de contratarem imigrantes com situação irregular, bem como dizia que a empresa deveria demitir empregados nessa situação se já os tivesse contratado. Esta medida foi posta em prática em outubro de 1942, mas o jornal traz a decisão de um processo em que o empregador despede o funcionário apenas por este ser descendente de imigrantes. Na matéria do jornal, é possível constatar as situações em que os empregadores tentavam obter benefícios a partir das leis e perseguir seus funcionários

Uma organização comercial pretendendo rescindir o contrato de trabalho assinado com um de seus funcionários súdito de um dos países do Eixo enviou uma petição à Justiça do Trabalho, a qual resolveu o seguinte: ‘Trata-se de empresa que não está enquadrada entre as que interessam diretamente à produção ou à segurança nacional e que, pela natureza de suas atividades, não justifica a aplicação dos dispositivos do decreto-lei de 31-08-42. Além do mais, o empregado... não tem antecedentes desabonadores quanto à sua conduta política no Brasil... Não é a condição de nacionalidade... razão o bastante para a rescisão do contrato de trabalhador...’<sup>96</sup>

Os descendentes dos países do Eixo sofreram ainda com vários tipos de medidas autoritárias no decorrer do conflito, principalmente após os afundamentos dos navios brasileiros pelos alemães. Talvez a mais difícil de suportar tenha sido a que obrigava os descendentes a pagar os prejuízos pelos torpedeamentos dos navios mercantes com bandeira brasileira. Classificada como de “justa medida”<sup>97</sup> pelo jornal,<sup>98</sup> a decisão retinha parte dos depósitos dos “súditos do Eixo” que poderia chegar a um percentual de 30%. Infelizmente, não pude constatar nenhuma repercussão posterior à divulgação

---

<sup>96</sup> *Correio do Povo*, 07 de janeiro de 1943, p. 4.

<sup>97</sup> *Correio do Povo*, 19 de março de 1942, p. 5.

<sup>98</sup> Aqui o jornal não tem nenhum pudor em abandonar seu caráter imparcial quando concorda com uma medida autoritária que usurpa o patrimônio de pessoas que muitas vezes não tinha nada haver com a guerra.

do decreto por parte dos atingidos. A reportagem diz que apenas se espera uma maior agitação nas áreas mais atingidas. Desse modo, é provável que o governo tenha tomado providências para evitar maiores confusões e protestos.

Além das medidas oficiais, os imigrantes de nações do Eixo estavam sujeitos a muitos tipos de abusos por parte da população. Em Porto Alegre, o maior deles foram os protestos seguidos de depredação de agosto de 1942. Segundo o jornal, “aconteceu o inevitável”.<sup>99</sup> Entretanto, é curioso que o periódico faz uma longa narrativa de todo o caminho pelo qual passaram os manifestantes, sendo inclusive saudados pelo interventor do Estado, antes de ocorrerem as depredações. Apenas após dois dias de manifestações, Cordeiro de Farias toma medidas para conter os abusos.

Muito embora as medidas até aqui destacadas pudessem ser consideradas como abusivas, nenhuma delas pode ser comparada às que sofreram os “súditos do Eixo” que foram internados nas prisões espalhadas por vários estados brasileiros. Sobre este assunto, o *Correio do Povo* noticia, já em 1940, que as autoridades brasileiras planejavam criar prisões especiais para internar os descendentes dos países do Eixo. Essa reportagem é muito interessante, pois trata da possibilidade de internar os “súditos do Eixo”, num período em que o Brasil ainda não tinha definido sua política externa em favor dos aliados ou do Eixo. Sob a seguinte manchete “Serão criados campos de concentração no Brasil”<sup>100</sup>, o “Correio” traz a seguinte nota:

Os infratores da lei (que determina que sejam cadastrados todos os “súditos do eixo”), federal serão enviados às [colônias correccionais] ou para campos de concentração...É [objeto] do Ministério da Justiça [criar] campos de concentração noBrasil... Em virtude da guerra na Europa, está dificultada. Quase impedida, pelas circunstancias [dela] decorrente, a expulsão de elementos nocivos no território nacional. Justamente por isso surgirão os campos de concentração, destinados a abrigar [também] esses elementos... Depois do dia 30 de junho, a

---

<sup>99</sup> *Correio do Povo*, 19 de agosto de 1942. p. 2.

<sup>100</sup> Apesar de que os documentos e reportagens da época utilizavam a terminologia “campos de concentração”, neste trabalho optou-se por utilizar o termo “campos de internamento”. Isso se deve ao fato da possibilidade de haver confusão, pelo leitor, com os campos de extermínio Nazistas.

Delegacia iniciará uma campanha contra [aqueles] que, burlando a lei, não se registrarem.<sup>101</sup>

Entretanto, talvez essa ameaça possa ter sido apenas uma forma de forçar os colonos a procurarem uma delegacia para se registrarem, pois, mais de um ano depois dessa matéria, o “Correio” volta a tratar do assunto, e destaca que medidas alternativas estão sendo tomadas, visto que o estado não possui uma colônia penal exclusiva para esse tipo de preso

SERÃO RECOLHIDOS À COLÔNIA AGRÍCOLA... Em meio à palestra que mantivemos com o titular da delegacia de estrangeiros, indagamos sobre o sistema de prisão dos estrangeiros temporários que não se registrarem... - diz o dr. Minghelli -...que os infratores deverão ser recolhidos a uma [colônia] agrícola [criada] especialmente para esse fim, até que seja concluído o processo de expulsão do nosso [território]. **Entretanto, a chefia da polícia está resolvendo um meio mais prático, uma vez que não possuímos a referida colônia [grifo meu].**<sup>102</sup>

Uma das reportagens do *Correio do Povo* sobre o campo de internamento de Charqueadas foi, na verdade, realizado pelo jornal “A Noite” do Rio de Janeiro, cujo correspondente enviou a reportagem também ao “Correio”. Segundo tal reportagem, na colônia penal havia 60 internos “súditos do eixo”<sup>103</sup> que dedicavam seu tempo a levantar canteiros, ao passo que, na Europa, estariam abrindo covas.<sup>104</sup> Entre os presos, segundo a matéria, encontravam-se oficiais do exército do Eixo, membros da Gestapo, pastores evangélicos, e espiões.<sup>105</sup> Toda a reportagem exalta os trabalhos da polícia de Vargas no combate aos traidores da Pátria. Vejamos a imagem passada dos “súditos do Eixo” detidos no presídio:

---

<sup>101</sup> *Correio do Povo*, 31 de maio de 1940. p. 5.

<sup>102</sup> *Correio do Povo*, 28 de junho de 1941. p. 2.

<sup>103</sup> É interessante lembrar os números colocados por Perazzo para o ano de 1942. Segundo a autora, encontravam-se detidos na colônia penal entre 200 a 300 prisioneiros, sendo 41 alemães, três italianos e cinco japoneses.

<sup>104</sup> *Correio do Povo*, 5 de abril de 1942. p. 5.

<sup>105</sup> Id. Ibid.

O Terceiro Reich escolheu a dedo os seus agentes políticos espalhados pelo Brasil. São indivíduos visivelmente anormais, que poderiam enriquecer a galeria de “casos” dos criminologistas. Apenas, sua índole destruidora, ao [invés] de exercitar-se nas desordens dos [“bas-fonds”], foi desviada para a política.<sup>106</sup>

Através do relato do repórter, podemos perceber um pouco do cotidiano da prisão, contudo em nenhum momento há algum tipo de menção às condições das instalações:

Às onze e meia, os presos que estavam trabalhando na lavoura, voltaram para o almoço. Vinham todos com roupa azul, de zuarte, chapéus de palha de abas longas e em formação militar.<sup>107</sup>

O final da reportagem reafirma o tom preconceituoso com relação aos internos da prisão. Segundo a descrição do repórter:

Todos eles encontram-se atacados da mesma obsessão: a ofensiva da primavera. Nessa ofensiva eles estão jogando tudo. [Se] Hitler fracassar, então esses nazistas detidos pela [polícia] [gaúcha]... morrerão de tédio, morrerão de melancolia, morrerão de [ódio], porque virá a paz, a paz com a qual todos sonham, paz que representará a derrota dos que vivem amparados nas armas da força bruta.

Em outra matéria trazida a público sobre a Colônia Penal Agrícola Daltro Filho, o jornal não faz referências aos presos “súditos do eixo”. A reportagem coloca que estariam internadas 662 pessoas, sendo que eles poderiam ter a possibilidades de viver com suas famílias em casas individuais, o que possibilitaria um sistema de regeneração mais eficaz do que o existente até então na Casa de Correção.<sup>108</sup> Nesta reportagem, provavelmente estivesse fazendo referência a presos comuns.

As demais notícias sobre os campos de internamentos são referentes a outros estados brasileiros. Tais reportagens exaltam as boas

---

<sup>106</sup> Id. Ibid.

<sup>107</sup> Id. Ibid.

<sup>108</sup> *Correio do Povo*, 1º de outubro de 1943. p. 8.

condições dos presos comparadas com os campos mantidos pela Alemanha. São matérias extraídas de periódicos de outros estados do Brasil ou da própria sucursal do “Correio” no Rio de Janeiro, que em geral eram realizadas com base em reportagens de outros jornais. Nessas reportagens, pudemos verificar algumas queixas dos internos. Entre elas, o isolamento ao qual eram mantidos, bem como a umidade nas celas devido à quase ausência da luz solar. Além disso, há situações em que os detentos não têm queixas, apenas “não sabem por que estão ali”.<sup>109</sup>

A reportagem que mais chama a atenção é aquela que se refere a um presídio no nordeste brasileiro. Sob a manchete “A alegre vida dos prisioneiros alemães no Brasil”, o jornalista estadunidense, da agência de notícias Associated Press, coloca que os prisioneiros, apesar de se mostrarem relutantes ao serem fotografados, não tinham queixas sobre o tratamento recebido. De acordo com o repórter, os detentos expõem o seguinte: “não temos motivos de queixas aqui. Recebemos boa comida, bom trato, e uma liberdade relativa.” A única coisa que os incomodava era o calor que fazia na região.<sup>110</sup> Duas coisas chamam a atenção nessa matéria. A primeira delas é o fato de um correspondente estadunidense ter sido o primeiro repórter autorizado a entrar no campo e conversar com os detentos. O segundo fato curioso é a completa ausência de queixas no texto da reportagem. Podemos pensar que ou o repórter omitiu informações ou o ambiente foi armado para sua visita. Essa segunda hipótese é pouco provável, pois os entrevistados confirmaram apenas a queixa contra o clima. Contudo, é importante ressaltar que esses eram verdadeiros prisioneiros de guerra (visto que foram capturados numa embarcação de origem alemã em águas brasileiras), de acordo com o que coloca Perazzo.<sup>111</sup> Para a autora, não havia uma definição adequada no tratamento dos prisioneiros “súditos do Eixo”, pois nem todos estavam protegidos pelas normas internacionais.<sup>112</sup> Portanto, neste caso, é provável que tenham sido adotadas as normas mínimas com relação ao tratamento de

---

<sup>109</sup> *Correio do Povo*, 11 de julho de 1942. p. 3.

<sup>110</sup> *Correio do Povo*, 13 de maio de 1943. p. 8.

<sup>111</sup> PERAZZO, op. cit.

<sup>112</sup> Isso acontecia porque a convenção de Genebra que regia o tema era específica para presos militares e não era consenso que tal convenção pudesse abranger também presos civis.

prisioneiros de guerra, pois os presos foram capturados em uma operação militar. Assim, suas condições na prisão podem ter sido favorecidas.

De maneira geral, as notícias veiculadas pelo *Correio do Povo* sobre os “campos” brasileiros ressaltavam as diferenças entre o tratamento dos detentos aqui no país em comparação com os campos de concentração alemães. O “Correio” resalta as boas condições de tratamento oferecidas aos internos, enaltecendo os depoimentos colhidos pelos repórteres que visitaram os campos. Não há, em momento algum, o questionamento à possibilidade de que o ambiente, no dia da visita, tenha sido forjado pelas autoridades responsáveis.

## Considerações Finais

A primeira constatação deste trabalho é a de que ainda há muito terreno a ser explorado em matéria da perseguição aos “súditos do Eixo” no Brasil. São poucas as pesquisas que trazem como elemento central a repressão aos descendentes de alemães, italianos e japoneses, tanto naquilo que se refere à repressão oficial do governo Vargas, quanto à repressão sofrida pela sociedade de uma maneira geral.

Não foi por mim encontrado nenhum trabalho quanto às pesquisas que dizem respeito à fonte imprensa para o caso do Rio Grande do Sul referente ao tema aqui abordado. Mesmo depois da difusão do uso de periódicos por historiadores, ainda não há um estudo que traga a forma como os jornais ou as revistas traziam os aspectos dessa temática à sociedade gaúcha.

As análises das medidas governamentais e seus reflexos, na sociedade gaúcha a partir das páginas do *Correio do Povo*, elaboradas nesse trabalho, permitem chegar à conclusão de que aqueles considerados como “indesejáveis” na sociedade durante a Segunda Guerra Mundial sofreram os mais diversos tipos de perseguição. Desde o espólio de seus bens (que serviram para ressarcir o Brasil no afundamento dos navios brasileiros pelos alemães) até a reclusão em campos de internamento.

O *Correio do Povo* mostra uma postura visivelmente favorável ao governo brasileiro quanto à perseguição aos “súditos do Eixo”, apesar de seu discurso trazer a idéia da isenção, do apartidarismo, etc. Embora nas suas matérias não constatem casos de recorrência de termos ofensivos aos imigrantes e descendentes, é fácil reconhecer, através da análise intensiva de várias matérias, bem como de seus editoriais, qual era a posição do jornal a esse respeito. Como relatado anteriormente, não há a presença sistemática de termos ofensivos, tais como “indesejáveis” ou “alienígenas”.<sup>113</sup> Talvez isso, possa ser explicado pela questão comercial, pois quanto mais ofensivo fosse o jornal, menos público dentro da colônia alemã teria. Assim, poderia atrair tanto aos favoráveis a política de perseguição aos “súditos do Eixo”, pois deixava

---

<sup>113</sup> A apenas a ocorrência em duas reportagens desses termos, uma em 20 de julho de 1940 e a outra em 20 de novembro de 1941.

clara sua postura em relação a eles, tanto aos descendentes do Eixo, visto que ao não tratá-los de maneira ofensiva possibilitava uma maior aproximação com a colônia de imigrantes no estado.

Outra constatação importante foi a diferença no volume de reportagens editadas para as três principais categorias de imigrantes “súditos do Eixo”, alemães italianos e japoneses. Pelos dados colhidos por esse trabalho, pudemos constatar a quantidade esmagadora de reportagens que faziam referência aos alemães, em comparação com italianos e japoneses, que vêm praticamente empatados em segundo lugar. Enquanto, para os descendentes de alemães o jornal, no período de seis anos, traz mais de cem matérias, para os descendentes de italianos e japoneses, o periódico dedica quatorze e doze reportagens respectivamente. Quanto aos japoneses, esse fato até seria esperado, pois sua colônia no estado é bastante inexpressiva. Ao passo que aos italianos, a reflexão deve ser um pouco mais elaborada. Poderíamos dizer que a Itália, desde 1943, estava fora da guerra, mas como explicar a ausência de matérias para os anos de 1940 e 1941 e o número tão pequeno em 1942, ano da entrada do Brasil na Guerra? Uma provável explicação pode ser dada pela bibliografia e pelas próprias reportagens apresentadas pelo jornal. Entre elas, a principal é a de que os descendentes italianos estavam mais afeitos às medidas de nacionalização devido às proximidades com a língua. Além disso, é importante destacar que os alemães também estavam mais isolados da sociedade, pois não procuravam participar dos processos políticos no estado.

O “Correio” também era enfático ao apresentar a boa situação vivida pelos “prisioneiros de guerra” no Brasil em comparação com os da Alemanha nazista. Além disso, o periódico apresentou aos leitores uma figura estereotipada dos detentos. Embora, de fato, o “Correio” não tenha realizado nenhuma visita a campos de internamento (as reportagens eram tiradas de outros jornais, algo comum na época), a representação feita nessas reportagens era a de prisioneiros fanáticos pelo nazismo, sendo que alguns deles, de acordo com a reportagem, apresentavam sinais de distúrbios mentais. Um desses casos é o relatado na visita de um correspondente do jornal “A Noite”, cuja reportagem o “Correio” também publicou com o seguinte

tópico: “Neise, o delirante”. Nessa matéria, os prisioneiros são apresentados como sujeitos anormais, com índole destruidora.<sup>114</sup>

O jornal mostra, no decorrer dos anos de guerra, reportagens que traziam o perigo da “quinta coluna” no Brasil. Nesse conjunto de reportagens, eram abordados os perigos de elementos ligados ao nazismo que agiam, de acordo com o jornal, em conspirações contra o Estado brasileiro. Os “quintas-colunas” eram apresentados como figuras traiçoeiras, pois costumavam estar infiltrados em empresas brasileiras, vivendo uma vida “normal”. Assim, a atenção deveria ser redobrada, pois não era possível distinguir aqueles que eram membros conspiradores contra o Brasil da população geral de descendentes de imigrantes. Esse tipo de reportagem deve ter provocado certa histeria e desconfiança entre a população que passava a ver no vizinho um perigo em potencial. No entanto, como já foi ressaltado, não há indícios concretos de que tenha existido qualquer tipo de organização nos moldes do quinta-colunismo que ocorreu na Espanha.

Portanto, a partir da análise dos exemplares do *Correio do Povo* podemos identificar que o periódico estava engajado na campanha contra os membros considerados como perigosos que “se infiltravam” na sociedade brasileira e, especialmente, gaúcha para praticar atividades ligadas aos inimigos do país durante a Segunda Guerra Mundial. No jornal, embora auto-intitulado neutro, percebe-se a tendência de acusação aos imigrantes e seus descendentes das nações do Eixo. Estes são tidos como conspiradores por natureza, e devem receber muita atenção pelas autoridades policiais. Isso se verifica principalmente após o ano de 1942, quando o Brasil entra na guerra ao lado dos aliados, como mostra o quadro da página 32.

Nos últimos anos, o jornal passa a exibir matérias mais preocupadas com o contexto internacional e os desfechos da guerra em torno dos aliados, deixando um pouco de lado as matérias concernentes à perseguição dos “súditos do Eixo” no Brasil. Mesmo assim, as perseguições continuam, exceto para o caso italiano, que já tinha deixado a guerra em 1943. Aos imigrantes italianos, o “Correio” passa a transmitir a idéia de que foram levados à guerra pelo seu líder, bem como o periódico noticia com bastante ênfase as medidas

---

<sup>114</sup> *Correio do Povo*, 5 de abril de 1942.

que o governo Vargas toma quanto aos italianos, como, por exemplo, a liberação dos seus bens, ou o fim da necessidade de salvo-conduto para que eles transitassem de um município a outro.

## Referências Bibliográficas

### Fontes Primárias

Jornal *Correio do Povo*, edições de Janeiro de 1940 até Dezembro de 1945.

Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

### Bibliografia

ALVES, Francisco das Neves (org.). **Imprensa e História no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: editora da FURG, 2001.

BACELAR, Carlos. Uso e mal uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.).

**Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1990.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 1988.

\_\_\_\_\_, Maria Helena. **Os Arautos do Liberalismo: imprensa paulista (1920 – 1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARONE, Edgar. **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1988.

D'ARAUJO, Maria Celina. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2000.

DIETRICH, Adriana Maria. **Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil**. São Paulo: USP, 2007. 378 p. (tese). Programa de Pós-Graduação de História Social, São Paulo, 2007.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, n. 13, 1995.

FACHEL, José Plínio Guimarães. **As violências contra os alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: Editora e Gráfica da Universidade de Pelotas. 2002.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975.

FÁVERI, Marlene. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

FRAGA, Gerson Wasen. **Branços e Vermelhos: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do Correio do Povo (1936-1939)**. Porto Alegre: UFRGS, 2004 (dissertação de mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, 2004.

GALVANI, Walter. **Um Século de Poder: os bastidores da Caldas Junior**. 2ª. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GERTZ, René. Identidade Nacional no Brasil Durante as Duas Guerras Mundiais. In: SILVA, Gilvan Ventura da; NADER, Maria Beatriz; FRANCO, Sebastião Pimentel (org.). **As Identidades no Tempo: ensaios de gênero, etnia e religião**. Vitória: EDUFES: Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em História, 2006.

\_\_\_\_\_. O Estado Brasileiro e as Comunidades de Imigração Alemã. In: KERN, Arno Alvarez (org.). **Sociedades Ibero-Americanas: reflexões e pesquisas recentes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora UPF, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

\_\_\_\_\_. “Os súditos alemães” no Brasil e a “pátria-mãe” Alemanha. **ESPAÇO PLURAL**, Paraná, v. 19, CEPEDAL, p. 67-73, 2º semestre de 2008.

LOPEZ, Luiz Roberto. **Do Terceiro Reich ao Nazismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 1992.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, José Antonio Pinheiro. **Breno Caldas: meio século de Correio do Povo-glória e agonia de um grande jornal**. Porto Alegre: LP&M Editores S. A., 1987.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros de Guerra: os “súditos do eixo nos campos de internamento brasileiros (1942-1945)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2009.

RÜDGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

SCHILLING, Voltaire. **O Nazismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 1990.

SEYFERTH, Giralda. **Os Imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo**. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

TOTA, Antonio Pedro. **O Estado Novo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

TRINDADE, Hégio. **O Nazi-fascismo na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2004.

WEIZENMANN, Tiago. **Cortando as Asas do Nazismo**: representações e imaginário sobre o Nazismo na Revista Vida Policial (1942-1944). UNISINOS, 2008, 298 p. (Dissertação), Programa de Pós-Graduação em História UNISINOS, 2008, São Leopoldo.